



Preservação dos acervos em museus de Ciências: o caso do Museu Nacional e um olhar sobre a exposição Arqueologia do Resgate

Rute Souza Peterli dos Santos^{1*}, Elidiomar Ribeiro Da-Silva²

AUTHOR AFILIATIONS

1 - Setor Educativo do Museu Ciência e Vida (Fundação CECIERJ – Cederj).

2 - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

CONTACT

rt.peterli@gmail.com

ABSTRACT

The present work seeks to evidence, through a questionnaire, the precarious conditions in museums in Brazil. Reflections arise by using the methodology of qualitative data analysis proposed by Bardin. We use the case of the fire at the Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ (National Museum, Federal University of Rio de Janeiro), and the exhibition *Arqueologia do Resgate: Museu Nacional Vive* (Archeology of the Rescue: National Museum Lives) to raise the issue of the current situation in museums. Some people Many believe in the museum as a place of teaching, education and reflecting critical and active thinking about safety in science museums and stress that we have lost culture, art, science and credibility.

Keywords: Exhibitions; Museu Nacional Lives; Qualitative analysis; Education in museums

RESUMO

O presente trabalho busca evidenciar, por meio de um questionário, o conhecimento popular sobre as precárias condições em museus no Brasil. Usando a metodologia de análise qualitativa dos dados proposto por Bardin, surgem algumas reflexões desenvolvidas no decorrer do estudo. O trabalho usa o caso do incêndio no Museu Nacional/UFRJ e a exposição *Arqueologia do Resgate: Museu Nacional Vive* para levantar a questão da situação presente nos museus. Muitos acreditam no museu como local de ensino e educação, refletindo pensamento crítico e atuante sobre a segurança em museus de ciências, e ressaltam que perdemos cultura, arte, ciência e a credibilidade com a trágica ocorrência.

Palavras-chave: Análise qualitativa; Exposições; Museu Nacional Vive; Educação em museus.

INTRODUÇÃO

Com o objetivo de promover o desenvolvimento da economia e cultura do Brasil, em 06 de julho de 1818, D. João VI criou o Museu Real, atual Museu Nacional. D. Pedro (filho de D. João VI) e sua esposa Maria Leopoldina, cientes da importância da ciência para o país, através de estudos e coletas, enriqueceram a coleção do museu, que também recebeu investimentos de D. Pedro II e sua esposa Tereza Cristina. Primeira instituição de pesquisa do Brasil, o Museu Nacional teve então o embrião das suas coleções implantado pela família real portuguesa (Kellner, 2018; Da-Silva, 2018). Inicialmente, o Museu se localizava no Campo de Santana, no bairro Centro da cidade do Rio de Janeiro, sendo posteriormente transferido para o palácio, localizado na Quinta da Boa Vista, no Bairro Imperial de São Cristóvão, na Cidade do Rio de Janeiro (Figura 1) (Kellner, 2018). Ainda segundo Kellner (2018), em 1946, a administração do Museu Nacional passou para a Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), fato que possibilitou um grande crescimento da instituição, bem como de suas coleções e pesquisas na área das ciências.

Figura 1. Foto da fachada do Museu Nacional, antes do incêndio.



Fonte: Andrade (2018).

Hoje a missão do Museu Nacional é:

"Descobrir e interpretar fenômenos do mundo natural e as culturas humanas, difundindo o seu conhecimento com base na realização de pesquisas, organização de coleções, formação de recursos humanos e educação científica, assim como atuar na preservação do patrimônio científico, histórico, natural e cultural em benefício da sociedade." (Museu Nacional/UFRJ, 2019)

O próprio Museu Nacional apresenta, em sua página no YouTube, uma visita mediada pelas dependências do museu antes do incêndio¹.

Maior centro de estudos antropológicos e de história natural da América Latina, tendo a educação, a cultura e a difusão da Ciência entre seus objetivos institucionais (Pires, 2017; Da-Silva, 2018), no ano de 2018 o Museu Nacional completou 200 anos, isso no dia 06 de julho. Naquele mesmo ano, em 02 de setembro de 2018, sofreu o grave incêndio que marcou para sempre sua história, causando a perda de praticamente a totalidade das coleções de Aracnologia, Entomologia, Malacologia, Paleontologia, Arqueologia e Etnologia (Kury, Giupponi, Mendes, 2018; Da-Silva, 2018). Dentre as perdas

inestimáveis do acervo, estão exemplares pertencentes a séries-tipo, de extrema importância para estudos nos campos da taxonomia e da sistemática. Provavelmente trata-se da maior perda registrada da história da Zoologia (Da-Silva, 2018). Segundo a Polícia Federal, o fogo teria iniciado em um dos aparelhos de ar-condicionado do auditório do térreo do prédio (Revista Galileu, 2019). Na Figura 2, podemos observar como ficou o Museu após o incêndio.

Figura 2. Foto do Museu Nacional após incêndio.



Foto de Thiago Ribeiro/AGIF/Estadão Conteúdo. Fonte: G1(2019).

Mesmo depois da tragédia, o Museu Nacional permanece com várias atividades em outros espaços, como exposições, atividades diversas na Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão, Rio de Janeiro (área aberta onde o Museu está localizado), atividades em escolas, além das atividades das próprias pesquisas científicas e de divulgação realizadas pela instituição.

Devido ao contexto de pandemia de Covid-19, instaurada no ano de 2020 até a data do presente trabalho, o Museu Nacional permanece

realizando atividades, utilizando meios virtuais, como, por exemplo, a comemoração de 202 anos, usando a plataforma virtual para reuniões (Governo Federal, 2021).

A primeira exposição depois do incêndio no Museu Nacional foi uma amostra chamada *Quando Nem Tudo Era Gelo* (Pizzino, 2019; RJ2, 2019), alocada na Casa da Moeda, Praça da República (Centro do Rio de Janeiro – RJ). É uma exposição que apresentava itens descobertos por pesquisadores na Antártica. Foi uma pequena mostra que, mesmo após incêndio, o Museu Nacional permanece realizando pesquisas e novas descobertas. No vídeo *Exposição Quando Nem Tudo Era Gelo – Novas Descobertas no Continente Antártico*, presente no site no YouTube do CNPq² é possível ver um pouco dessa exposição. Ela nos mostrou que o Museu Nacional permanecia ativo com suas pesquisas e realizando novas descobertas. Nesse mesmo cenário surge outra exposição: *Arqueologia do Resgate – Museu Nacional Vive*, no Centro Cultural Banco do Brasil, Centro da cidade do Rio de Janeiro.

O canal da TV ADUFRJ no YouTube traz um pouco sobre o que significava a exposição para o contexto da época. No vídeo *Exposição Arqueologia Do Resgate*³, Alexander Kellner, diretor do Museu Nacional na época do incêndio, também o atual diretor ressalta que o Museu Nacional ainda apresentava objetos valiosos pertencentes à exposição e que, apesar do ocorrido, ela ainda traz consigo elementos que são fundamentais para contar a história da ciência e do Brasil.

OBJETIVO

Este trabalho tem por escopo avaliar a importância para o público dos museus de ciências dando ênfase ao Museu Nacional e levar a uma reflexão sobre o que ocorreu com o Museu Nacional. Evidenciar a Exposição Arqueologia do Resgate e apresentá-la como local de memória.

METODOLOGIA

O desenvolvimento do trabalho foi dividido em três momentos. O primeiro momento se baseou na coleta de dados através de fotografias tiradas na exposição Arqueologia do resgate, durante sua permanência no CCBB. Essa primeira parte contou também com a pesquisa sobre o tema e o desenvolvimento do questionário.

O segundo momento se refere à passagem do questionário. Essa passagem foi realizada através de grupos de alunos da UNIRIO, UFRJ e visitantes no CCBB. O questionário tratou sobre a exposição Arqueologia do Resgate, sobre o conhecimento popular acerca do Museu Nacional e ensino de ciências em museus.

O terceiro momento foi a análise dos dados obtidos (qualitativos e quantitativos) através do questionário usando textos encontrados nas bases de dados Scielo e Google Acadêmico, e a metodologia de análise de Bardin (2016).

A princípio as entrevistas seriam realizadas pessoalmente, porém, ao perceber que não seria viável dada as condições para obter esses dados, como, por exemplo, a dificuldade de ir até as pessoas e de análise de mídia em áudio. Então, foi criado um questionário usando o Formulário Google, para analisar as questões geradas nesta pesquisa, que foi enviado para alunos da UNIRIO e UFRJ – alcançando um público universitário. Assim, foram elaboradas 10 questões pensadas para responder as questões do trabalho:

Idade

- 1) Escolaridade
- 2) Qual é a importância dos museus de ciências na vida do indivíduo?
- 3) Você visualiza o museu como uma instituição de ensino/aprendizado?
- 4) Você já tinha ido ao Museu Nacional antes do incêndio que aconteceu em 2 de setembro de 2018? Caso a resposta anterior tenha sido positiva, qual objeto mais lhe marcou durante a visita? Por quê?
- 5) Você chegou a visitar a exposição Arqueologia do Resgate - Museu Nacional Vive, que ocorreu no CCBB - RJ? Caso a resposta anterior tenha sido

positiva, qual objeto mais lhe impressionou durante a visita? Por quê?

- 6) O que perdemos com o incêndio no Museu Nacional?
- 7) Você acha que a tragédia no Museu Nacional poderia ter sido evitada? Como?
- 8) Você acha que a situação dos museus no Rio de Janeiro é satisfatória?
- 9) Você teria alguma ideia para evitar que problemas como o incêndio do Museu Nacional aconteçam?

As respostas do questionário foram anônimas, precisando apenas informar a idade e escolaridade. As perguntas e seus objetivos relacionados com o trabalho estão listados nas partes subsequentes. O questionário aceitou respostas do dia 13 de maio ao dia 20 de novembro de 2019. As perguntas do questionário estão especificadas na parte de resultados e discussão.

Como na grande maioria os resultados obtidos com o questionário foram textos, foi possível inferir que se tratava de uma pesquisa qualitativa, onde o texto se torna material de estudo (Flick, 2009, p.16). É possível observar na tabela 1 com as questões e sua respectiva classificação. Todas as respostas eram abertas, sendo possível uma amplitude nas respostas.

Tabela 1. Classificação de cada pergunta do questionário

Idade	Quantitativa e aberta
Escolaridade	Qualitativa e aberta
Qual é a importância dos museus de ciências na vida do indivíduo?	Qualitativa e aberta
Você visualiza o museu como uma instituição de ensino/aprendizado?	Qualitativa e aberta
Você já tinha ido ao Museu Nacional antes do incêndio que aconteceu em 2 de setembro de 2018? Caso a resposta anterior tenha sido positiva, qual objeto mais lhe marcou durante a visita? Por quê?	Qualitativa e aberta

Você chegou a visitar a exposição Arqueologia do Resgate - Museu Nacional Vive, que ocorreu no CCBB - RJ? Caso a resposta anterior tenha sido positiva, qual objeto mais lhe impressionou durante a visita? Por quê?	Qualitativa e aberta
O que perdemos com o incêndio no Museu Nacional?	Qualitativa e aberta
Você acha que a tragédia no Museu Nacional poderia ter sido evitada? Como?	Qualitativa e aberta
Você acha que a situação dos museus no Rio de Janeiro é satisfatória?	Qualitativa e aberta
Você teria alguma ideia para evitar que problemas como o incêndio do Museu Nacional aconteçam?	Qualitativa e aberta

Fonte: elaborada pela primeira autora.

Em seu livro *Desenho da Pesquisa Qualitativa* (2009), Uwe Flick descreve que essa abordagem de pesquisa está se desenvolvendo, não apenas na área das Ciências Sociais, mas em áreas como educação e segue a tendência de se estabelecer também em uma amplitude maior de situações, como possivelmente seja o caso do trabalho em questão. Dessa forma, os dados coletados da pesquisa podem ser enquadrados na definição de Uwe Flick.

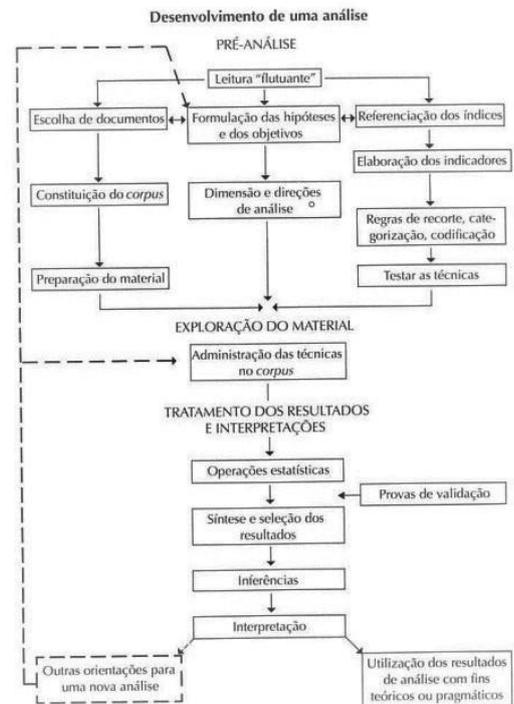
Para trabalhar esses dados, foi utilizado o processo de análise desenvolvido por (Bardin, 2016), definido por ela como um “conjunto de técnicas de análises das comunicações” (2016, p. 37). Bardin (2021, p. 125-130) estabelece uma ordem para trabalhar esses dados começando por uma “pré-análise” dos dados. Nessa pré-análise foi feita uma leitura fluente dos questionários, sendo possível uma definição do *corpus* por meio da escolha das questões. Durante esse momento, foi desenvolvida hipóteses e construção de objetivos com as respostas.

Em seguida foi realizada a parte de exploração dos dados onde buscou-se de compor as respostas para uma melhor análise do material. Para isso foram separados em categorias, fazendo um recorte de todo o questionário. Houve a

construção de modelos e figuras que agrupavam algumas informações, porém não foram realizados testes com análise estatística. Na terceira fase foi realizado o tratamento dos dados obtidos pelo questionário. É possível observar melhor essas fases através da Figura 3 (Bardin, 2016).

Para a análise das respostas de algumas das perguntas, foi usado o método da nuvem de palavras, desenvolvido pelo software WordClouds⁴, visando obter de forma visual as palavras que mais foram utilizadas nas respostas. Em tal tipo de análise, foi retirado o conectivo “que” para uma melhor análise das palavras, visto que este é o mais se repete, o que permite a possibilidade mais ampla de visualização do conteúdo (Lemos, 2016).

Figura 3. Esquema de desenvolvimento de uma análise.



Fonte: Análise de Conteúdo (Bardin, 2016, p. 132).

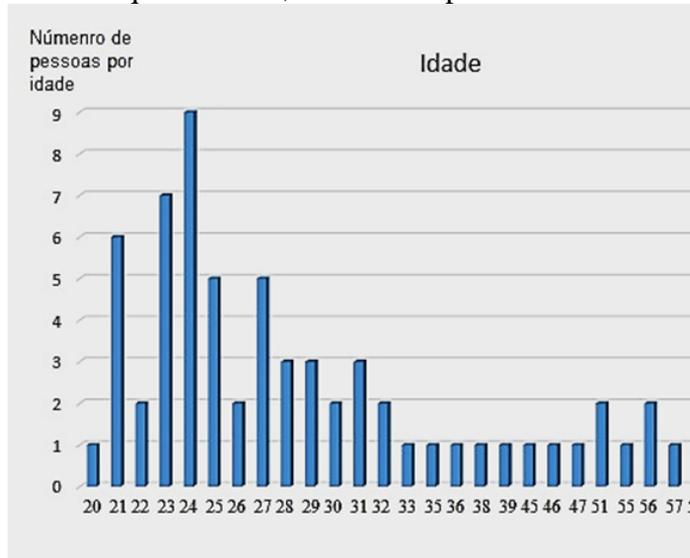
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Questionário – Idade

Foram 69 participantes que responderam, com idades que variaram de 20 a 79 anos. A maior parte do público tinha idades entre 21 e 27 anos,

sendo que o número de pessoas com 24 anos foi muito maior que as outras idades. Uma possível explicação para essa distribuição pode ser a grande quantidade de estudantes universitários que preencheram o questionário. A distribuição completa está na Figura 4.

Figura 4. Número de pessoas que preencheram do questionário, distribuído por idade



Fonte: elaborado pela primeira autora.

Questionário – Escolaridade

Quanto ao nível de escolaridade, as respostas foram variadas. Para melhor observá-las em um gráfico, foram separadas em nove categorias:

- A) Nível fundamental;
- B) Nível médio completo;
- C) Nível superior incompleto;
- D) Nível superior em curso;
- E) Nível superior completo;
- F) Pós-graduação incompleta;
- G) Pós-graduação;
- H) Mestrado;
- I) Doutorado.

Segundo Bardin (2016) esse seria um processo de reagrupamento dos elementos trabalhados, chamado como categorização, pois foram isolados e reagrupados para melhor visualização e trabalho com o material. Na Tabela 2 é possível observar as categorias e as respostas selecionadas para cada categoria. Ao lado das respostas encontram-se números que representam

o número de vezes em que a resposta foi encontrada no questionário.

Tabela 2. Categorias de escolaridade relacionadas com as respostas. Do lado esquerdo as categorias conforme agrupadas e do lado direito as 69 respostas (grafia original das respostas mantida). O número ao lado representa o número de vezes em que a resposta apareceu daquela forma.

Categorias	Respostas
Ensino fundamental	Primeiro Grau (1)
Nível médio completo	<i>Ensino médio completo</i> (1) <i>Segundo Grau Completo</i> (1) <i>Ensino médio</i> (1)
Nível superior incompleto	<i>Superior incompleto</i> (4) <i>Ensino superior incompleto</i> (2) <i>Graduação incompleta</i> (1) <i>Esino médio completo/Superior incompleto</i> (1)
Nível superior em curso	<i>Ensino Superior Cursando</i> (2) <i>Cursando ensino superior</i> (2) <i>Cursando faculdade</i> (2) <i>Cursando ensino superior.</i> (1) <i>Ensino superior em formação</i> (1) <i>Ensino superior - cursando</i> (1) <i>Ensino superior em curso</i> (1) <i>Cursando nível superior</i> (1) <i>Cursando administração</i> (1) <i>Superior - cursando</i> (1) <i>Superior cursando</i> (1) <i>Graduando</i> (1)

	<i>Acadêmico</i> (1)
Nível superior completo	<i>Superior completo</i> (6) <i>Ensino superior completo</i> (2) <i>Superior</i> (4) <i>Ensino superior completo.</i> (1) <i>Ensino Superior Completo</i> (1) <i>Graduada em Museologia</i> (1) <i>Terceiro grau completo</i> (1) <i>Graduação completa</i> (1) <i>Superior completo</i> (1) <i>Cursando superior</i> (1) <i>Superior completa</i> (1) <i>3º grau completo</i> (1) <i>Ensino Superior</i> (1) <i>3 grau completo</i> (1) <i>Ensino superior</i> (1) <i>ensino superior</i> (1) <i>NIVEL SUPERIOR</i> (1) <i>Ens. Superior</i> (1) <i>Bacharel</i> (1)
Pós-graduação incompleto	<i>Pós-graduação incompleto</i> (1)
Pós-graduação	<i>Pós graduação completa</i> (2) <i>Pós graduação</i> (1) <i>Pós Graduado</i> (1)
Mestrado	<i>Mestrado</i> (4)
Doutorado	<i>Doutorado</i> (2) <i>Por graduação doutorado</i> (1) <i>Doutorado</i> (1)

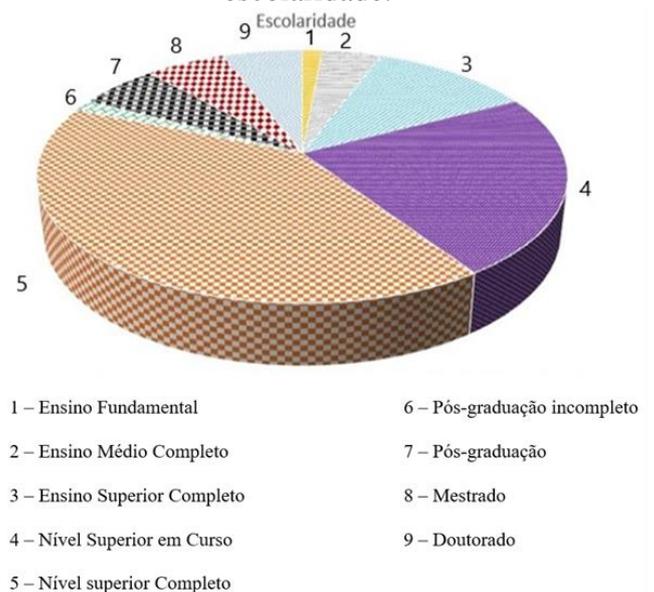
Fonte: elaborada pela primeira autora.

As categorias com maiores números de respostas inseridas foram, primeiramente, nível superior completo, com 28 respostas; nível superior em curso, com 16 respostas; e nível superior incompleto, apresentando oito respostas. Pessoas que responderam ensino médio completo foram três; uma pessoa respondeu primeiro grau e uma respondeu pós-graduação incompleta,

sendo as únicas respostas dessas categorias. Pessoas com pós-graduação, mestrado e doutorado totalizaram quatro respostas em cada categoria. Esses dados podem ser observados na Figura 5.

Questionário - Qual é a importância dos museus de ciências na vida do indivíduo?
Essa pergunta tem como objetivo entender como as pessoas observam os museus, se os veem como lazer, se eles fazem parte do ensino e aprendizado do indivíduo, ou se têm relação com divulgação científica.

Figura 5. Distribuição das categorias de escolaridade.



Fonte: elaborado pela primeira autora.

Todos os participantes afirmaram ver os museus como uma instituição de ensino e aprendizado. Onze participantes afirmaram não ter ido no Museu Nacional antes do incêndio. Dos que responderam, 19 foram na exposição *Arqueologia do Resgate - Museu Nacional Vive*. A nuvem de palavras montada a partir das respostas está na Figura 6.

As palavras que ficaram mais evidentes nas respostas à pergunta sobre importância de museus são “história”, “conhecimento”, “ciência” e “importante”.

Figura 6. Nuvem de palavras construída a partir das respostas os participantes, através do

Questionário – Perguntas: *Você acha que a tragédia no Museu Nacional poderia ter sido evitada? Como? / Você teria alguma ideia para evitar que problemas como o incêndio do Museu Nacional aconteçam? / Você acha que a situação dos museus no Rio de Janeiro é satisfatória?*

Essas questões foram pensadas para analisar sobre o nível de reflexão sobre o tema de preservação em museus. Fazendo um tratamento da informação contida nas respostas foi possível perceber que elas se assemelhavam.

Muitas respostas tinham como base a ideia de fiscalizações mais efetivas, realização de medidas preventivas e uso adequado de investimentos. Outros ressaltaram também a importância da conscientização da população sobre a importância de instituições como o Museu Nacional no contexto cultural e para educação. Vale ressaltar que algumas respostas levantaram a questão da responsabilidade do governo da gerência das instituições públicas. Essa descrição analítica das respostas (Bardin, 2016) foi uma síntese pensada para fazer o tratamento dessas questões e trabalhar o que elas podem nos mostrar.

“Sim, caso houvesse fiscalizações mais sólidas e programas de prevenção”

“Sim, com mais investimentos para que o Poder Público atue com medidas preventivas para evitar degradação e fortuitos”

“Retirar o atual governo do controle do país; investir novamente em educação, ciência, tecnologia; divulgar amplamente todo trabalho feito dentro de museus, centro de pesquisas, escolas e universidades; levar o conhecimento científico para além dos muros das instituições de pesquisa. Todo cidadão precisa saber o que é feito no mundo científico, para que possa cobrar das autoridades competentes ações cabíveis para a proteção do patrimônio nacional”

Questionário – Pergunta: *O que perdemos com o incêndio no Museu Nacional?*

Através de uma análise cuidadosa das respostas, grande parte do pensamento dos participantes está voltada para aspectos como perda da História, lamentando não só perda da história nacional, mas de outras civilizações,

patrimônio cultural, aprendizado, investimento, educação, pesquisa científica, memória, cidadania e cultura.

O trecho reproduzido abaixo chama a atenção por representar uma síntese das ideias descritas no parágrafo anterior:

“Um acervo vasto, importantíssimo mundialmente, e insubstituível de objetos de estudo, naturais e históricos, bem como a própria estrutura do prédio, de grande importância histórica. Além disso, subjetivamente, perde-se uma das maiores referências de museu e fonte de boas memórias, e simboliza um relativo descaso com museus e com a própria ciência”.

Outro trecho das entrevistas que nos chamou atenção é esse: *“Uma inestimável quantidade de experiência para ser vivida”*. Ele relata uma perda das experiências futuras, visto que não existem mais os materiais que seriam utilizados para pesquisas e conhecimento para gerar ações futuras. Um outro exemplo é o seguinte trecho extraído da entrevista: *“Perdemos a nossa história, pesquisas e uma parte do nosso progresso. Perdemos o nosso passado e nosso futuro.”*

Algumas respostas apresentam ainda um tom mais subjetivo, porém elas revelam o sentimento gerado por esse terrível acontecimento, usando termos como dignidade, autoestima e credibilidade internacional para descrever o que perdemos.

Museu Nacional vive

Logo após o incêndio, instituições brasileiras e internacionais se uniram com o propósito reconstruir o edifício histórico que abrigava o Museu Nacional. Outros compromissos desse projeto são reformar a biblioteca do Museu Nacional/UFRJ e construir um campus dedicado a atividades acadêmicas, de laboratório e reserva técnica. O nome do projeto é *Museu Nacional Vive*. Os proponentes do projeto são a Associação Amigos do Museu Nacional (SAMN), fundação COPPETEC, Fundação Universitária José Bonifácio, Pró-reitora de Gestão e Governança (PR6 UFRJ), Organização das Nações Unidas para a Educação e a Ciência e a Cultura (UNESCO). Assim, além

da cooperação com as entidades mencionadas, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) conta com apoio do Governo Federal, através da Lei de Incentivo à Cultura, do Instituto Cultural Vale, do Ministério da Educação (MEC) e da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ). O projeto é mantido também por um comitê institucional formado por: Academia Brasileira de Ciências (ABC), Câmara Comunitária de São Cristóvão, Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), Conselho Internacional de Museus – (ICOM), Goethe-Institut, Governo Alemão, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). O projeto Museu Nacional Vive recebe ainda patrocínio do Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES), Bradesco e Vale. Através do site do projeto é possível acessar uma linha do tempo, que mostra as atividades mais recentes do projeto. Entre elas está a apresentação de mais obras descobertas e resgatadas. Ou seja, novas descobertas são retiradas dos escombros do incêndio e apresentadas à sociedade (GOVERNO FEDERAL, 2021; Rodrigues-Carvalho, 2021). Dedicado não somente a trazer a restauração do Museu Nacional, o projeto *Museu Nacional Vive* realiza eventos e produz materiais mostrando que a instituição continua, mais do que nunca, a desempenhar seu papel cultural, histórico e científico.

CONCLUSÕES

No presente trabalho foi possível analisar por meio de entrevistas com o público que o museu se relaciona com a educação, cultura e memória. E que, aos olhos dos visitantes, os museus necessitam de fiscalizações efetivas e investimento adequado para realização de medidas preventivas. Além de trazerem em evidência a responsabilidade do governo da gerência das instituições públicas

Ao ressaltar a história de um local, um museu é capaz de trazer reflexões para tomadas de decisão e levar à criticidade de pensamento acerca da atualidade. Todos os indivíduos deveriam estar envolvidos nesse processo.

É preciso refletir sobre os elementos capazes de desenvolver mecanismos de segurança e preservação da história, cultura, arte, ciência. Com o presente trabalho, de espectro interdisciplinar, pretende-se ressaltar a importância dos museus e lembrar o ocorrido no Museu Nacional em setembro de 2018. Assim, pode-se deixar margem para se trabalhar a ideia da preservação dos acervos em museus.

Outro aspecto que este trabalho traz é o registro da memória dos visitantes, que foi marcada pelos artefatos do Museu Nacional/UFRJ. Esses artefatos são ligados à Paleontologia, Zoologia e outros elementos de estudo da biologia, que também puderam ser apresentados na exposição *Arqueologia do Resgate*. Cabe também realçar que trabalhos com essa temática são importantes para que não caiam no esquecimento os eventos e as consequências do fatídico dia 02 de setembro de 2018.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é parte da monografia de conclusão de curso da primeira autora, defendida junto ao bacharelado em Ciências Biológicas da UNIRIO. Assim, agradecemos as contribuições dadas pelas componentes da banca, Simone Pinheiro Pinto (Museu Ciência e Vida) e Virgínia Codá (Fiocruz), que incrementaram muito o manuscrito.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, R. O. 2018. Para voltar aos velhos tempos. Revista FAPESP. Disponível em <<https://revistapesquisa.fapesp.br/2018/05/23/para-voltar-aos-velhos-tempos/>>. Acesso em: 27 set. 2021.
- BARDIN, L. 2016. Análise de Conteúdo. São Paulo: Almedina Brasil.
- DA-SILVA, E. R. 2018. Retrospectiva 2018: o ano de consolidação da Biologia Cultural – E

jamais isso foi tão necessário. *A Bruxa*, v. 2, n. 6, p. 1-8.

FLICK, U. 2009. *Desenho da Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 164 p.

G1. 2019. O que se sabe sobre o incêndio no Museu Nacional, no Rio. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/09/04/o-que-se-sabe-sobre-o-incendio-no-museu-nacional-no-rio.ghtml>>. Acesso em: 22 set. 2021.

GOVERNO FEDERAL. 2021. Projeto Museu Nacional Vive – Linha do Tempo. Disponível em: <<https://museunacionalvive.org.br/linha-do-tempo/>>. Acesso em: 22 set. 2021.

KELLNER, A. 2018. O Museu Nacional – para além dos 200 anos. *Academia Brasileira de Ciências*. Disponível em: <<http://www.abc.org.br/2018/04/20/o-museu-nacional-para-alem-dos-200-anos/>>. Acesso em 26 set. 2021.

KURY, A. B.; GIUPPONI, A. P. L.; MENDES, A. C. 2018. Immolation of Museu Nacional, Rio de Janeiro – unforgettable fire and irreplaceable loss. *Journal of Arachnology*, v. 46, n. 3, p. 556-558.

LEMOS, L. M. P. 2016. Nuvem de tags como ferramenta de análise de conteúdo: uma experiência com as cenas estendidas da telenovela *Passione* na internet. *Lumina*, v. 10, n. 1, p. 1-18.

MUSEU NACIONAL/UFRJ. 2019. O Museu. Disponível em: <<http://www.museunacional.ufrj.br/dir/omuseu/omuseu.html>>. Acesso em: 9 dez. 2019.

PIRES, D. O. (ed.) 2017. *200 anos do Museu Nacional*. Rio de Janeiro: Associação Amigos do Museu Nacional, 40 p.

PIZZINO, R. 2019. A primeira exposição pós incêndio. Pesquisa FAPESP. Disponível em: <[https://revistapesquisa.fapesp.br/a-primeira-exposicao-pos-incendio/#:~:text=O%20Museu%20Nacional%20\(MN\)%20inaugurou,2%20de%20setembro%20de%202018.>](https://revistapesquisa.fapesp.br/a-primeira-exposicao-pos-incendio/#:~:text=O%20Museu%20Nacional%20(MN)%20inaugurou,2%20de%20setembro%20de%202018.>)>. Acesso em: 21 set. 2021.

REVISTA GALILEU. 2019. Incêndio no Museu Nacional foi provocado por “gambiarras” nas instalações. *Redação Galileu*. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2019/04/incendio-no-museu-nacional-foi-provocado-por-gambiarras-nas-instalacoes.html>>. Acesso em 26 set. 2021.

RJ2. 2019. Museu Nacional inaugura primeira exposição após incêndio que destruiu acervo ano passado. Rio de Janeiro. G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/01/16/museu-nacional-inaugura-primeira-exposicao-apos-incendio-que-destruiu-acervo-no-ano-passado.ghtml>>. Acesso em: 21 set. 2021.

RODRIGUES-CARVALHO, C. (ed.). 2021. *500 Dias de Resgate - Memória, Coragem e Imagem*. Rio de Janeiro: UFRJ, 72 p.

APÊNDICE: FOTOS DA EXPOSIÇÃO

Foram tiradas, nos dias 7 de março e 22 de abril de 2019, 85 e 202 fotos, respectivamente. Todas as fotos são de autoria da primeira autora (Rute Peterli), tiradas nos dias da exposição aberta ao público. Ao todo, as 287 fotos incluem materiais de Antropologia, Entomologia, Biologia Marinha, Paleontologia e outras áreas que formavam a diversidade de artefatos que faziam parte de coleções, pesquisas e exposições presentes no Museu Nacional antes do incêndio. Na exposição também era possível encontrar parte da construção do museu que, apesar de afetada pelo fogo, foi possível resgatar como memória. Algumas das fotografias compõem o Apêndice deste artigo e são aqui incluídas como uma homenagem não só à exposição Arqueologia do Resgate e toda a carga emocional que ela representa, mas, principalmente, ao Museu Nacional: o #MuseuNacionalVive!

Atualmente, em 2021, o acervo de materiais encontrados e resgatados é bem maior que na época da exposição referida neste trabalho. No livreto *500 dias de Resgate - Memória, Coragem e Imagem* são mostrados imagens de alguns artefatos e do árduo trabalho de busca das peças nos escombros, que representam anos de pesquisa e estudo.



Material tombado na coleção científica do Museu Nacional/UFRJ. No canto esquerdo é possível ver pica-paus, *Colaptes campestris* (Vieillot, 1818) (Piciformes: Picidae), representados sobre um formigueiro. Mais a frente, representado em um tronco, pode ser observado de costas o João-cortapau, *Antrostomus rufus* (Boddaert, 1783) (Caprimulgiformes: Caprimulgidae).



Material tombado na coleção científica do Museu Nacional/UFRJ. Muriquitutu, *Pulsatrix perspिलatta*, coruja que habita todo o Brasil. Os filhotes apresentam a plumagem branca.



Material tombado na coleção científica do Museu Nacional/UFRJ. A imagem ilustra a harpia ou gavião-real, *Harpia harpyja* Linnaeus, 1758 (Accipitriformes: Accipitridae), predando um macaco em suas garras.



Material tombado na coleção científica do Museu Nacional/UFRJ. A foto apresenta uma arara-vermelha, *Ara chloropterus* Gray, 1859 (Psittaciformes: Psittacidae).



Material tombado na coleção científica do Museu Nacional/UFRJ. Tucanuçu, *Ramphastos toco* Statius Müller, 1776 (Piciformes: Ramphastidae), uma das maiores espécies de tucano, amplamente distribuída pelo Brasil.



Material tombado na coleção científica do Museu Nacional/UFRJ. Caixa de insetos com representantes de besouros (Coleoptera). Esse material é uma doação realizada por instituições e colecionadores após o incêndio.



Material tombado na coleção científica do Museu Nacional/UFRJ. Caixa de insetos com representantes de borboletas e mariposas (Lepidoptera). Foram aquisições após o incêndio em uma das frentes de trabalho de campo que visam restaurar a biodiversidade da coleção.



Material tombado na coleção científica do Museu Nacional/UFRJ. Caixa de insetos com representantes de dípteros (Diptera). Essa caixa apresenta uma parcela da pequena parte da coleção de insetos que sobreviveu a incêndio.



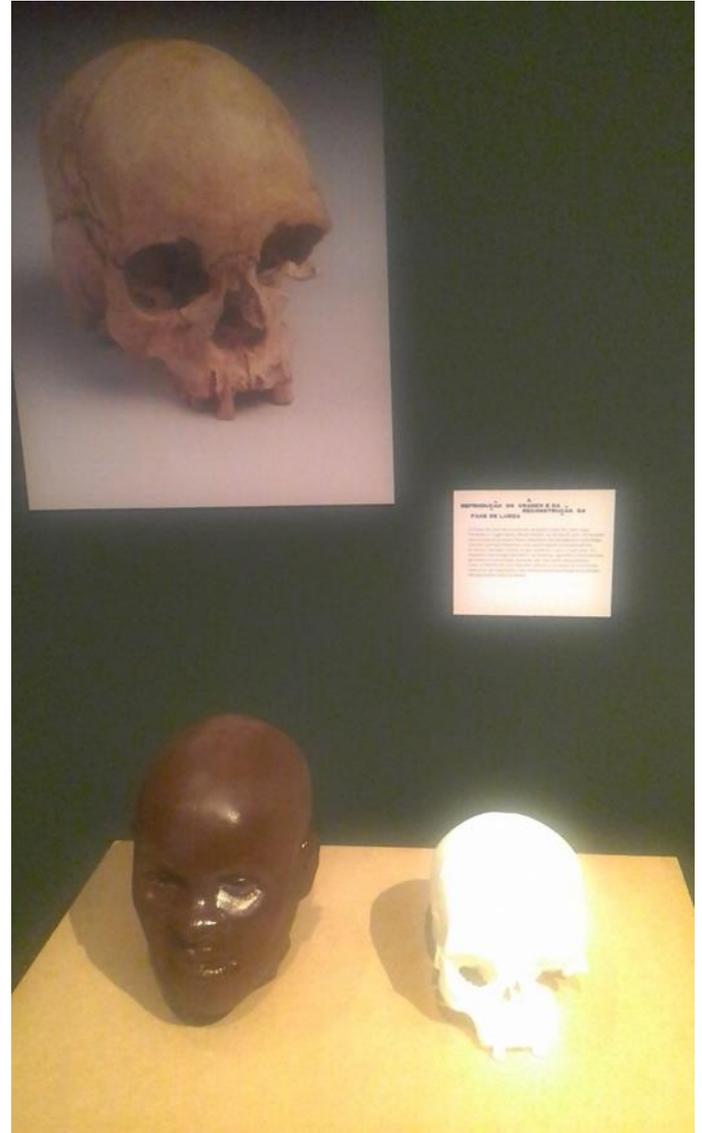
Material tombado na coleção científica do Museu Nacional/UFRJ. Nessa caixa é possível observar vestígios de insetos recuperados, carbonizados, e alguns outros coletados após o incêndio.



Material tombado na coleção científica do Museu Nacional/UFRJ. Pacarana, *Dinomys branickii* Peters, 1873 (Rodentia: Dinomyidae). Exemplar que se encontrava na reserva técnica do Museu Nacional.



Material tombado na coleção científica do Museu Nacional/UFRJ. Peixe-serra, *Pristis pectinata* Lathan, 1794 (Rhinoprístiformes: Prístidae).



Reconstrução do crânio e da face de Luzia. É o esqueleto mais antigo descoberto até o momento na América, o que traz evidências da migração dos povos que colonizaram essa região.



Material tombado na coleção científica do Museu Nacional/UFRJ. Crânio e mandíbula de jacaré-açu, *Melanosuchus niger* Spix, 1825 (Crocodylia: Alligatoridae), que vive na Bacia Amazônica.



Material tombado na coleção científica do Museu Nacional/UFRJ. Diferentes representantes dos anuros (Anura), entre eles rãzinha-assobiadora, *Leptodactylus fuscus* (Schneider, 1799) (Leptodactylidae); perereca-pequena, *Ololygon perpusilla* (A. Lutz & B. Lutz, 1939) (Hylidae); sapo-cururu, *Rhinella marina* (Linnaeus, 1758) (Bufonidae), perereca-grudenta, *Trachycephalus nigromaculatus* Tschudi, 1838 (Hylidae); e sapo-martelo, *Boana faber* (Wied-Neuwied, 1821) (Hylidae).



Material tombado na coleção científica do Museu Nacional/UFRJ. Na imagem é possível observar quatro exemplares de quelônios (Testudinata): Na parte superior esquerda, cágado mata-matá, *Chelus fimbriatus* Schneider, 1783 (Chelidae); na parte superior direita, jabuti-piranga, *Chelonoidis carbonarius* (Spix, 1824) (Testudinidae); na parte inferior esquerda, tartaruga-verde-marinha, *Chelonia mydas* (Linnaeus, 1758) (Cheloniidae); na parte inferior direita, crânio de tartaruga-cabeçuda, *Caretta caretta* (Linnaeus, 1758) (Cheloniidae).



Material tombado na coleção científica do Museu Nacional/UFRJ. Crânio de boto-cor-de-rosa, *Inia geoffrensis* (de Blainville, 1817) (Cetacea: Iniidae), espécie de golfinho fluvial que vive principalmente na bacia dos rios Amazonas e Solimões.



Crânio de um rinoceronte-negro, *Diceros bicornis* (Linnaeus, 1758) (Perissodactyla: Rhinocerotidae). Exemplar da megafauna africana que não se perdeu no incêndio. Material tombado na coleção científica do Museu Nacional/UFRJ.



Viga de sustentação do piso retorcida pelo calor do fogo.



O meteorito de Bendegó, à frente, e, ao fundo, uma imagem que faz referência a exposição *Arqueologia do Resgate*.

Peça de metal de uma das portas do Museu Nacional.

